
Autorretrato com iphone 5C por Douglas de Freitas, 2016

Com os avanços da tecnologia a circulação de imagens nunca esteve tão presente como nos dias de hoje. Com uma câmera acoplada ao aparelho de telefone celular, qualquer um, profissional ou não, tem a possibilidade de realizar imagens que refletem o tempo e o momento em que vivemos. Junto com essa possibilidade, novas formas de se expressar, e de se comunicar também surgem, como no caso da tão popular selfie, uma forma de registro digital a partir de uma foto de si mesmo, um autorretrato com o celular, onde o corpo além de ser o objeto retratado, é também suporte para a câmera. Usando de um anteparo reflexivo, normalmente um espelho, para conseguir captar sua própria imagem, o aparelho torna-se sempre presente na fotografia, um objeto estranho, uma câmera apontada para quem a observa.

Em sua primeira individual na Galeria Marcelo Guarnieri – São Paulo, Autorretrato com iPhone 5c, a artista Silvia Velludo parte de um olhar sobre essa ação banal, o selfie, que já faz parte do nosso cotidiano. Sua pesquisa toma como ponto de partida retratos de si mesma em diferentes lugares com o uso da câmera de celular. Depois de captadas, essas imagens são usadas para dar início às pinturas, estabelecendo uma convergência entre as linguagens, um ruído de tempos, um estranhamento.

A presença da pintura na produção de Silvia é uma constante. Trabalhos anteriores usam outros suportes e técnicas como colagem, fotografia e escultura, mas sua construção final está sempre ligada à questões da pintura. A fragmentação, ou uma desconstrução da imagem, sempre esteve presente em suas obras. Agora a artista parte de um universo fragmentado de várias imagens para construir esse retrato. Muito mais que uma simples transcrição de uma foto, suas pinturas estão carregadas da memória e da percepção dos locais e situações, são imagens adulteradas para revelar o que a fotografia não faz ver.

Velludo parte do gênero retrato, faz uma atualização do autorretrato tão importante na história da arte, e principalmente na história da pintura como ofício da arte, na afirmação de identidade do artista. Nessa atualização, Silvia nos coloca diante de uma imagem enigmática. Ao percorrer espaços, revela ambientes domésticos ou situações urbanas onde a paisagem da cidade surge,

na busca obsessiva do melhor registro de si.

Esse melhor registro, não quer dizer o seu melhor reflexo, nem seu melhor ângulo ou forma bela de ser retratada, seu interesse está diretamente relacionado a forma como nos relacionamos com as coisas e com o mundo. São seus reflexos não apenas em espelhos, mas em laminados, retrovisores, frisos cromados, vitrines ou até mesmo em objetos, como uma colher, em muitas imagens, o retrato é mera desculpa para desvendar uma situação ao seu redor.

Nessa reflexão sobre a história da arte, uma de suas obras explicita tal operação. A artista surge ao lado de uma escultura clássica no Museu do Louvre, em Paris. É um comentário da própria história, que agora está ressignificada através dessas imagens multifacetadas, do cruzamento de linguagens, e da maneira como a artista enxerga e nos apresenta o mundo.

Douglas de Freitas | agosto de 2016

Texto de Douglas de Freitas para a exposição "Autorretrato com iphone 5C" de Silvia Velludo na Galeria Marcelo Guarnieri - São Paulo em 2016.

Autorretrato com iphone 5C
por **Silvia Velludo, 2016**

Como se começa um texto?
Como se começa uma pintura?
Por que se desencadeia uma série?
O que nos move para fazer isso ou aquilo?
Por que se repara nisto e não naquilo?

Quando se deixa de ser criança?

Aprende-se a se reconhecer em espelhos
Nos lembramos em imagens fotográficas
O fato é que só nos vemos enquanto imagem
Enquanto todas as outras pessoas do mundo existem fisicamente para nós
E nessa conjectura vem sempre junto um recorte
Assim se dá nossa dita: identidade

Através de superfícies reflexivas espalhadas por infinitos espaços, nossa imagem se escancara a nos reportar a nós mesmos
Hoje podemos nos reportar ainda mais alongando a possibilidade de nos flagrarmos munidos de um pequeno dispositivo de captura altamente portátil
Imagem instantânea que só poderá ser revista dentro de um outro aparelho, que logo será trocado por outro e por outro, a se perder no tempo

Quando me flagrei num grande espelho de um banheiro preto, onde me via de corpo inteiro com um casaco também preto, veio-me uma revelação num súbito
E como estava aparelhada com um iPhone 5c, me postei para registrar aquela imagem
Daí, me fartei da minha imagem em outros banheiros variados em viagens variadas
Foi desencadeada a compulsão também em qualquer outra superfície reflexiva onde dava-se o espanto
Junto, a lembrança de desde sempre esse espanto
Diante de laminados, retrovisores, inox, vitrines... colheres
Frisos cromados me levavam a outros mundos, livre

Em trânsito, se apresentam sempre muito rápidas essas aparições
Como fumaça o entorno se perde, tal a importância de se ver em ação
Um recorte fugaz ronda o contorno que te representa
E esses aparelhos incríveis vem te dar a possibilidade de você se ver sujeito em uma cena que, logo se fará refeita
Necessito guardar esse entorno, os objetos de cena, para os reorganizar

Daí a começar a pintar foram outros 500
Refazendo o fundo de uma tela, ensaiei, ensaiei, até começar a tela do banheiro preto que chamo de Perpétua (rs)
Já colecionava pigmentos sem saber o que iria fazer com eles. Uma atração incontrolável
Começou então o meu algoz
Começar a pintar depois de anos trabalhando com outros materiais e mídias

Não sei porque preciso sempre fazer séries
Algumas coisas mudam ao longo do processo
Nesta, os objetos de cena se tornaram mais relevantes do que minha imagem em muitas das telas
Adoro quando encontro algo escondido em uma imagem que possa ser revelado como fundamental

Hoje sinto a pintura como uma entidade, como a literatura...
O ato de pintar te remete invariavelmente à história da arte que você absorveu
Os pintores que se tem na mais alta conta são lembrados num traço, num átimo...

Pinto para ressignificar e principalmente para ficar pintando
Para ficar nesse lugar
Para reconhecer instâncias

Embrenhados nessa mágica, a destravar as impossibilidades, todos que se aventuraram a se retratar se valeram também de uma imagem de si

Pintando a imagem de si chora-se a própria morte
Pinta-se a ausência
Um não estar
Um buraco

Penso que os espectadores que por ventura se virem diante das telas maiores poderão, de alguma forma, se sentirem no meu lugar

E nas telas menores é necessária uma aproximação para desvendar a cena, o que tangencia uma intimidade

O nome do aparelho: iPhone 5c, é uma marca que situa um tempo como qualquer objeto

P.S.
Imagens são necessariamente forjadas

Silvia Velludo | Agosto de 2016

Texto de Silvia Velludo para sua exposição individual "Autorretrato com iPhone 5C" na Galeria Marcelo Guarnieri - São Paulo em 2016.

Arte Contra a Mistificação
por José Bento Ferreira, 2008

No atual estado de coisas soa natural perguntar por que gostar de arte, tão indeterminada é a artisticidade de coisas e ações. O que pode ser comum a tudo o que chamamos de artístico e por que seria desejável?

O que é um bem ou uma coisa boa? O útil ou o belo? Aquilo que é bom para muitos em detrimento do que satisfaz a poucos ou o que convém aos poucos detentores de certa autoridade sobre o assunto ainda que a maior parte do público não se sinta tocado senão por meio de um esforço artificial? Qual seria esse assunto?

Os quadros de contas e aparelhos giratórios de Silvia Velludo são modos de se trabalhar com tonalidade e contorno. Portanto remetem a dois conceitos formulados por Heinrich Wölfflin, o linear e o pictórico. “O estilo linear vê em linhas, o pictórico, em massas”, explica o autor de *Conceitos Fundamentais da História da Arte* (1915). Os modos não-convencionais empregados pela artista para manejar categorias históricas apontam respostas para perguntas como as que foram feitas acima e justificam formulá-las.

A colagem de contas resulta de uma evolução de pinturas pontilhistas produzidas recentemente pela artista. Aquilo que agora se faz com colagem antes era pintado. A técnica empregada pelos pós-impressionistas franceses ao final do século dezenove consiste em compor tons através de pequenos pontos de cor que chegam à retina em forma de luz. O “impressionismo científico” evita a imprecisão da pincelada, que no entanto passou para a história como a pedra de toque da arte moderna.

Silvia Velludo utiliza contas, ou miçangas, que efetivamente consistem em pontos coloridos e brilhantes. Com isso é possível redimir a técnica pontilhista de seu purismo. Paul Klee havia feito algo semelhante no contexto expressionista com sua poética do ponto e da linha, como em *Polifonia*, de 1932. Mas esses novos procedimentos dizem respeito a um novo contexto.

Os aparelhos eletrônicos trabalham com linha e cor. Produzem uma transformação divertida de quadrados em círculos por meio de uma operação não muito diferente da construção de tons com a colagem de contas. O contorno dos quadrados é sublimado pelo movimento, pois a cor vibra no centro da figura, que é redondo, uma vez que as pontas se apagam. Cor e luz não permanecem cativas no interior das formas, pulsam livremente.

Os dois artifícios criados por Silvia Velludo atuam na retina, não nos objetos do mundo, mas na percepção do espectador, à flor da luz. Ainda que as contas sejam objetos do mundo, as impressões de tons e colorido produzidas por elas são puramente visuais, não ocorrem nos quadros, mas nos olhos. O mesmo vale para as figuras em movimento.

Linear e pictórico se alternam, como se os estilos que Wölfflin via como verdadeiras “visões de mundo” ressuscitassem da História para assumir novas formas no novo contexto em que não se excluem. São possíveis pois são estilos desprovidos das visões de mundo. Essa postura diferenciada em face das obras de arte permite definir com clareza o caráter contemporâneo da exposição de Silvia Velludo.

Se um estilo era o reflexo do espírito de uma época, tudo se passa como se vivêssemos uma época sem espírito. Por outro lado, esta é a época em que todos os estilos são possíveis e a palavra “espí-

rito” dissociou-se da experiência estética. Por isso uma artista contemporânea como Silvia Velludo pode jogar com o linear e o pictórico forjando novos procedimentos a partir da pintura pontilhista, da colagem e da arte cinética, estilos “modernos” também resgatados do limbo dos tempos.

Nesse caso, o que é propriamente artístico na exposição não está nas obras em si, mas no modo de fazer, nesses procedimentos ou artifícios inusitados que proporcionam uma retomada criadora dos conceitos da história da arte. Em *As Vozes do Silêncio* (1953), André Malraux menciona diferentes formas de arte e afirma que “em muitas delas a arte estava em segundo lugar para seus autores, enquanto nós subordinamos todas à arte”.

O momento atual então é um epílogo, agora os artistas já não têm a função de servir o poder político ou crenças religiosas. Ao mesmo tempo, é o momento em que todos os momentos anteriores podem ser presentificados, porém desprovidos de espírito, o que não é necessariamente ruim. A arte está em primeiro lugar no mundo da arte. A arte que se coloca a serviço de causas e coisas parece dogmática e inconsciente.

Uma razão para se gostar de arte, se for preciso haver alguma, é o caráter crítico da experiência estética, o fato de que as obras de arte não falam sobre o mundo senão para falar sobre si mesmas e nada nelas serve de pretexto para a impostura, a mistificação e a violência, que parecem não poder ser banidas do mundo real, nem mesmo do meio de arte.

Texto de José Bento Ferreira para a exposição “Divisas” de Silvia Velludo na Galeria Virgílio em 2008.